



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

FLORESTA DE ENGANOS.

VICENTE, Gil

Ano: 1902 | Número: 19

Como citar este documento:

VICENTE, Gil, Floresta de enganos. *Revista de Guimarães*, 19 (2) Abr.-Jun. 1902, p. 99-105.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Floresta de Enganos

FIGURAS

Prologo, hum Philosopho, hum Parvo.

Mercador. — Escudeiro *disfarçado em Viuva*. — Moça *da fugida Viuva*. — Cupido. —
Apollo. — El-Rei Telebano. — Grata Celia, *sua filha*. — Doutor *Justiça maior*. —
Moça. — Velha. — Pastor. — Duque. — Principe. — A Ventura.

*A seguinte comédia foi representada ao muito alto e poderoso Rei D. João o terceiro
áeste nome, na sua cidade de Evora, era do Senhor de 1536.*

Entra logo o Philosopho com o Parvo atado ao pé, e diz:

PHILOSOPHO

Asegun siento mis males,
Al discreto singular
Gran pena le es conversar
Con los necios perenales,
Sin lo poder escusar.
Los muy antiguos Romanos,
Comenzando á ser tiranos,
Por que Roma se ofendia,
Yo por mi filosofia
Les di consejos muy sanos.
Y porque la reprehencion
Á todos es enojosa,
Me vi en grande pasion,
Y me echaron en prision,
En cárcel muy tenebrosa.
No bastó: mas en despues
De aquesto que oido habeis,
Solo por esto que digo,
Ataron ansi conmigo
Este bobo que aqui veis.

Que lo traiga desta suerte
Al comer y al cenar,
Al dormir y platicar;
Esto so pena de muerte
Que no lo pueda dejar,
Hasta el morir.

PAR. Haste de ir?

PHI. No me dejarás decir
La causa que me ha traído?

PAR. Hasta la mañana.

PHI. Déjame ora ser oído
De esta gente cortesana.

PAR. Mi amo, aquí hablaré yo;
Y cuando en casa estuvierdes,
Hablad cuanto vos quisierdes,
Que nunca os diré de no,
Aunque quebreis las paredes.

PHI. Habla, por ver que dirás.
Oh, quien no sentiese mas
De lo malo ni de lo bueno,
De lo suyo y de lo ageno,
De cuanto tú sentirás!
El mi tormento se ve
Por este ejemplo esquierto:
Si quereis matar al cuerdo,
Atalde un necio al pie.
Y ansi el seso pierdo.
Ó quizá vino esto á ser
Porque no quise acar,
Con recelo de topar
Muger de flaco entender,
Como se suele acertar.

PARVO (*canta*)

« Llevántate, panadera,
« Si te has de levantar,
« Que un fraile dejo muerto.
« No traigo vino ni pan.
« Apihá, apihá, apihá. »

Decid, amo, haste de ir hoje,
Ó abasta la mañana?

PHI. Quien será que no se enoje,
Y todo mal se le antoje,
De una necedad tamaña?
Y no sé quien sufrirá,
Y á quien no enhadará
Los desvarios que aquí van.

PAR. Mirad vos quien sufrirá
Las muchachas que aquí stan.
Haste de ir hoy?

PHI. Deja ya esa necedá.

PAR. Y pensais que faltará
Otro mi amo garrido?

PHI. Señores, yo soy venido...

PAR. Señores, ahora llegamos.

PHI. Calla, necio dolorido!

Mejor fuera consumido,
El día que nos juntamos.

PAR. Decid, nuestramo, veamos;

Son mejores de comer
Las grajas ó los milanos?
Y mas sabeis qué yo querria?
Dormir cuatro ó cinco meses.

PHI. Ya deseo que dormieses,
Porque la embajada mia
No la impidan tus reveses.

PAR. Pues, mi amo, echaos vos,
Y dormiremos á la una.

PHI. Menguada estaba la luna
Cuando nacimos los dos,
Y contraria la fortuna.
Despues dormiré, amigo;
Entanto tú dormirás,
Y no soñarás conmigo;
Mas yo soñaré contigo,
Por cuanta pena me das.

Porque cualquiera pasion,
Asegun veo y entiendo,
Que se siente con razon,
Ni velando ni dormiendo
Se consuela el corazon.

PAR. Pues aborrís la dormida,
No os vais por hi andando,
Ni me lleveis arrastrando,
Nuestramo, por vuestra vida,
Por vos irdes escapando.

Deita-se o Parvo a dormir, e diz o

PHILOSOPHO

Veis que hago penitencia
Desta suerte, sin pecar;
Y es tanta mi paciencia,
Siendo tal la penitencia,
Que no me quiero ausentar.
Porque la obediencia, amigo,
Las virtudes son sus puentes:
En tu hablar no te exentes,
Porque te vas del abrigo
Al peligro que no sientes.

Aun que el daño sea profano,
Esto toma por tu guia,
Que yo tengo al Coleo Romano,
Aunque me fue inhumano,
Obediencia todavia.
Y en cuanto la compañía,

Que la fortuna me dió,
 Duerme, anunciaré yo
 Una fiesta de alegría.
 Que de nuevo se inventó.
 Y pues me tiene dejado,
 Del autor diré el intento ;
 Y por ir mas declarado,
 Será en prosa el argumento.
 Pero, señores, os pido
 Que tengais todo encubierto,
 En vuestro seno escondido ;
 Porque no sepa Cupido
 Que descubro su secreto.

La comedia siguiente, altos y famosos señores, su nombre es *Floresta de Engaños*. Y el primero engaño es, que un pobre escudero engañó un mercader, en figura de muger viuda. El segundo engaño será que, siendo Cupido enamorado de la Princesa Grata Celia, la qual era hija del Rei Telebano, rei de Tesalia ; por lo cual siendo Grata Celia hija de este rei, y Señora de la mas excelencia y extremada hermosura del mundo, no pudiendo Cupido haber con ella lugar solitario ni tiempo oportuno, descansó de su angustiada vida, y determinó de engañar al Dios Apolo, porque el Dios Apolo engañase el Rei Telebano. Y el Rei Telebano, engañado del Dios Apolo, llevó Grata Celia engañada á la sierra Minea, adonde con grande angustia su padre la dejó desterrada y presa ; y cuando Cupido hubo alcansado y hecho su engaño, descendió del cielo á la tierra donde presa estaba, e fue della engañado dos veces, y ella casada con el Principe de la Gran Grecia.

PAR. Habémosnos hoy de ir ?
 PHI. Ya ha dos horas que te llamo.
 PAR. Yo os do mi fe, nuestramo,
 Que es gran trabajo el dormir.
 PHI. Nuestro argumento acabado,
 El mercader vereis entrar,
 Y pensando de engañar,
 Ha de quedar engañado.

Entra o mercador e diz :

MER. Determino de fazer
 Minhas casas muito bem ;
 Porque quem dinheiro tem
 Fara tudo o que quizer.
 Bem contados
 Tenho vinte mil cruzados,
 Ganhados d'onseñas taes
 Com esses pobres misteriaes
 Que estavão necessitados.
 E parece-me agora
 Que vejo desta janella
 Vir para ca hñã senhora,

E segundo o ar de fóra,
 Viuva me parece ella.

Moç. Hou da pousada !
 Senhor, hũa Dona honrada
 'Stá aqui pera vos fallar.

MER. Entre ca, s'ella mandar,
 Que eu não faço agora nada.

Viu. Olha ca, mexeriqueirinha,
 Não me descubras tu a mi.

Moç. Não farei, por vida minha.

Viu. Porque es a mór palreirinha
 Que eu em minha vida vi.

Moç. Que prazer !
 E eu havia de dizer
 Que ereis pobre escudeirão,
 Sem cavallo e sem tostão,
 E em trajos de mulher
 Que is enganar hum ladrão ?
 Guarde-me Deos ! e vós não vêdes
 Segredo não posso ter
 Se achar a quem no dizer,
 E senão essas paredes.
 Que o costume
 He tão accendido lume,
 Depois que está encarnado,
 Que, até não ser acabado,
 Nenhũa cousa o consume.

Ao mercador

Viu. Senhor, embora estejais.

MER. Embora estejais, Senhora :
 Que he o que demandais ?

Viu. Eu o direi ora.
 Ai coitada,
 Que venho ora tão cansada
 Do corpo e d'outras conseiras.

MER. Sentae-vos nessas cadeiras.

Viu. Esse descanso não he nada.
 Crede que a necessidade
 Mui pouco descanso tem.

MER. Assi viva eu que he verdade,
 E fallaste muito bem,
 Muito á minha vontade.

Viu. Digo, senhor,
 Que o thesoureiro mor
 Do nobre rei Dom Telebano
 Me deve já do outro anno
 As tenças do meu suor.

À parte

Moç. Tens tu lá tenças de vento.
 MER. O dinheiro quanto he ?

- VIU. Este papel dara fé,
Que he o seu conhecimento.
- MER. Mostrae ca, verei que he.
Bem estais :
São quarenta mil reaes.
- VIU. Senhor, eu 'stou enforcada,
E se vós não m'os comprais,
Amanhan sou penhorada.
- MER. Não me falleis nisso mais ;
Não farei eu tal por certo.
- VIU. Não he essa boa resposta.
- MER. E a pena que está posta ?
- VIU. Sera secreto o concérto.
- MER. Não póde ser.
- VIU. Quem ha isso de saber ?
- MER. Quando os for arrecadar.
- VIU. Não me queirais desconsolar ;
Vós o sabereis fazer.
- MER. Ora emfim, quero ser tolo sandeu,
E só por vos soccorrer.
Quanto m'os quereis vender ?
- VIU. Em vossa alma o deixo cu.
- MER. Eu vos direi :
Dez mil reaes vos darei,
Estes logo em bons tostões.
- VIU. Ai Jesu ! aquedelrei.
- MER. Eu daqui não passarei,
Nem passemos mais rezões.
- VIU. A hũa viuva amara
Fazeis tamanha crueza ?
Oh coitada da pobreza,
Que tudo a desempara !
- MER. Nó mais, Senhora.
- VIU. Não vos contentareis ora
Com vinte mil, que he metade ?
- MER. Nem com mais cinco, em verdade.
- VIU. Dae-m'os já com a ma ora.

Depois da Viuva receber o dinheiro, vai-se dizendo :

- Não havia em Portugal
Nos tempos mais ancianos
Tantas maneiras de enganos,
Nem tantos males d'hum mal.
- MER. Va-se embora :
Trinta mil deixa a senhora
Neste desembargo seu :
Porém não na esfolára eu,
Se ella d'outra casta fôra.

Vem a Moça que veio com a Viuva

- Moç. Mercador, quereis saber ;
Bem enganado ficastes,

Que a viuva que enganastes
 Era home e não mulher.
 E mais he vento
 Esse seu conhecimento :
 Elle o assignou e não mais ;
 Assi que os dez mil reaes
 Leixae-os no testamento.
 MER. Crede que quem foi tiranno
 Tem seu dinheiro perdido.
 Vamo-nos, que vem Cupido
 Commetter o mor engano,
 Que nunca foi commettido :
 Em o qual
 Mostra o amor natural
 Que a Grata Celia tem.
 Porém vereis que do bem
 Às vezes se segue o mal.

Vem Cupido e diz :

.....

A Ventura tomou as mãos ao Príncipe e Princeza, e com sua musica se acabou esta comedia, que he a derradeira deste segundo Livro, e a derradeira que fez Gil Vicente em seus dias.